

# Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira  
Paula Guerra

# As bruxas encontram os canibais

Segundo Charles Zika, a imagem popular da bruxa, no conto de fadas dos irmãos Grimm, pedindo a Joãozinho e Maria que esticassem o dedo a fim de que ela pudesse iniciar o seu banquete de carne humana, “representa a persistência dentro da cultura europeia da terrível fantasia de ser cozido e comido” [Zika, 1997:77, tradução das autoras]. Segundo o autor, a fabricação cultural da figura das bruxas como canibais começou a surgir entre os séculos XV e XVII e se inspirava em várias tradições européias, no folclore de vampiros sugadores de sangue e lobisomens e, também, na literatura sobre os povos exóticos nas extremidades da Terra, desde Marco Polo— surgindo como uma metáfora referente à alteridade europeia para classificar o não civilizado [Zika, 1997:78, tradução das autoras].

Federici [2004] afirma que os escritores humanistas reforçaram o que consideravam as debilidades morais e mentais das mulheres, apontando-as como a origem de suas perversões. As mulheres eram apontadas como seres diabólicos e sobre elas incidiam acusações de infanticídio. As práticas contraceptivas, fortemente combatidas pela Igreja, eram usadas para demonizá-las. A associação entre a contracepção, o aborto e a bruxaria, segundo Federici, apareceu pela primeira vez na bula papal de Inocêncio VIII [1489, que, ao apontar encantamentos, feitiços e conjurações, “além de outras superstições execráveis e sortilégios, atrocidades e ofensas horrendas, sustentava que as mulheres bruxas destruíam suas crias” [Federici, 2004: 329].

No Renascimento, por meio da elaboração de tratados teológicos e jurídicos, processos judiciais e narrativas pastorais e moralizantes na literatura, no romance e nos contos folclóricos e, também nas imagens visuais, o canibalismo começa a ser impregnado na imagem da bruxa maléfica: “Como a bruxa foi feminizada e demonizada, ela também foi representada como uma figura selvagem, uma mãe má, que matava e comia crianças pequenas” [Zika, 1997:78, tradução das autoras]. No século XVI a alusão ao canibalismo relacionava-se com as desordens da sexualidade feminina, percebida como agressiva.

Ainda no século XVI, o canibalismo atribuído à bruxa europeia começa a ser transportado para o Novo Mundo. Para Charles Zika, é muito

provável que o espectador europeu, ao ver as imagens que chegavam do Novo Mundo e que descreviam o canibalismo ameríndio, tenha associado o canibalismo atribuído às bruxas em seus sábás ao canibalismo ameríndio [Zika, 1997:79]. Na primeira metade do século XVI, carne humana assando no espeto constituía uma das imagens mais comuns do canibalismo americano apresentado aos europeus. Mas, na Europa, a idéia de canibalismo estava associada à avareza, à violência, à selvageria e ao antinatural atribuídos às práticas camponesas, como vemos na xilogravura dos casais [Fig.27]:



Fig. 27. Bruxos assando uma criança, artista desconhecido. Xilogravura. *Compendium maleficarum*, Milão, 1626  
 Fonte: Charles Zika, 1997:45

O casal no primeiro plano assa uma criança sobre uma grelha e, em segundo plano, o segundo casal está prestes a atirar outra criança a um caldeirão. A imagem dos dois casais assando e cozinhando crianças incorpora a violência atribuída a bruxas e bruxos contra a infância, e é esse elemento que, segundo Zika, se relaciona psiquicamente às representações de canibalismo no Novo Mundo pelos europeus [Zika, 1997].

O vampirismo de bruxas que se alimentavam do sangue de crianças, para Zika, provavelmente estava relacionado com a literatura e possivelmente com a tradição oral que as apresentavam como lâmi- as, harpias noturnas e canibais.

Bruxas seminuas, com cabelos amarrados para trás, são retratadas mordendo o pescoço de crianças, envoltas por fumaça, geralmente acompanhadas de signos como ratos, ossos e cordas de alho que envolviam práticas mágicas. A fumaça ou o fumo eram o ponto de contato com a criança assada. Logo, como detentoras de poderes maléficis como a fumaça, as bruxas passaram a ser vistas como antropófagas, o que também se relacionava com a interpretação dos eflúvios femininos, tal como analisados por Yvonne Owens e Linda Stone. Assim, as bruxas eram transgressoras de códigos éticos, morais, religiosos e sociais, uma vez que evocavam os mais profundos tabus, pois tinham o poder sobre a vida, invertendo e ameaçando os fundamentos da ordem social [Zika, 1997].

É importante associar a leitura de Zika à de Carlo Ginzburg, pois este último afirma que as imagens de comida e bebida certamente apontavam para uma alucinação “numa época em que a fome era uma experiência comum na Europa” [Ginzburg,1976:358]. Ainda segundo Ginzburg, associar a caça às bruxas a cordeiros assados e cerveja, como sendo alimentos diabólicos, leva à orquestração da mentalidade burguesa, “bem alimentada e acostumada a comer bem” [Ginzburg, 1976:358]. Assim, para o historiador, as orgias associadas aos sábás seriam alucinações de pobres, servindo ao demônio, “que os recompensaria por uma existência esquálida” [Ginzburg, 1976:359].

Para Zika, o horror do espectador europeu ao ver as cenas de canibalismo ameríndio residia no modo como cada pedaço do corpo humano era anatomicamente exibido na grelha. Cada peça representava uma narrativa de violência e medo. As imagens de Theodore de Bry representando uma sociedade canibal, envolvendo homens, mulheres e crianças num cenário complexo, onde o espectador podia vivenciar os horrores do canibalismo, chocavam a audiência europeia e reforçavam o discurso do massacre dos indígenas, ao retratarem-nos como infiéis, pecadores, adoradores do demônio [Zika, 1997].

Do ponto de vista iconográfico, a volumetria dos corpos e as poses dos ameríndios remetem à tradição renascentista de representação, lembrando os corpos das bruxas examinadas acima, especialmente as de Dürer. Até mesmo as crianças ameríndias se assemelham aos putti da mitologia europeia que acompanhavam as bruxas nos sabás. Mas as imagens de canibalismo ameríndio raramente eram usadas na iconografia do feiticeiro europeu. Assim, como explica Zika, a base para a associação entre a bruxa e o canibal ameríndio teria sido a figura do antropófago clássico Saturno, a divindade romana da agricultura, que desde o final do período clássico foi amplamente identificado com o deus grego Cronos. O canibalismo de Saturno/Cronos [Fig. 28] e a sua violência sexual eram bem conhecidos no século XVI pelo espectador educado e pelos círculos humanistas [Zika, 1997].

Já os canibais de Theodore de Bry ressaltam, aos olhos do espectador europeu, o consumo real de carne humana, através de cabeças e membros apresentados nas imagens. Os ameríndios são representados cortando carne humana tal como os açougueiros/talhantes e, depois, cozinhando-a no espeto. As edições ilustradas do ritual canibal tupinambá brasileiro, tornado famoso através das várias edições do relato de Hans Staden, publicado pela primeira vez em 1557, e então republicado e traduzido nove vezes antes do final daquele século, assim como as ilustrações das várias edições, entre 1590 e 1620, de Theodore de Bry e seus filhos popularizaram as cenas de canibalismo no Novo Mundo, as quais eram associadas a todo o “cosmo” europeu da época [Zika, 2017]. A publicação das *Grands Voyages*, 13 volumes dedicados às viagens às Américas, produzidos entre 1590 e 1634, apresenta as guerras religiosas e a expansão atlântica. O terceiro volume, *Americae Tertia Pars* [Fig. 29], é baseado nos conhecidos relatos das viagens ao Brasil do alemão Hans Staden e do francês Jean de Léry.

As figuras 29, 30 e 31, além de ressaltarem uma representação do corpo dos ameríndios dentro da estética clássica, retratam igualmente a presença e o



Fig. 28 Saturno, Heinrich Aldegrever, 1533

Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/428408>



papel das mulheres nos rituais canibais, outro aspecto relevante no nosso argumento. O número de mulheres envolvidas nos rituais canibais parece superior ao dos homens, ou no mínimo, elas surgem como tendo um papel e lugar de importância. O que nos leva a concordar com as conclusões de Federici e Mello e Souza, de que as mulheres indígenas eram associadas às bruxas. As posições em que são colocadas e as expressões que exibem nas imagens remetem às bruxas e seus sabás: em torno do caldeirão; o regozijo no ato de assar indivíduos [como na cena dos casais bruxos europeus discutida acima; e, ainda, em círculos ao redor de cabeças, tripas e membros cozidos, alimentando a si próprias e aos seus filhos [os putti ameríndios]].

Ronald Raminelli, no artigo *Eva Tupinambá* [1997], corrobora a interpretação acima, pois afirma que na coleção *Grands Voyages* de Theodore de Bry há inúmeras referências às índias canibais, especialmente no já mencionado terceiro volume, *Americae Tertia Pars* [Raminelli, 1997]. Para Raminelli, o gravurista que cruzou os mares, mas que nunca conviveu com os nativos, sobrevalorizou o papel e a participação das mulheres nos rituais de canibalismo, ao representá-las mostrando ansiedade, mordendo mãos e braços e se contorcendo. Assim, De Bry teria traduzido o prazer das mulheres diante da morte e diante do esquartejamento do indivíduo [Raminelli, 1997] em detrimento da postura dos guerreiros, representados como cavaleiros medievais. Nas cenas de De Bry [Fig. 30 e 31], as índias exibem braços e pernas decepados, demonstrando euforia com a vingança, elemento que, assim, remete ao prazer, ao canibalismo e à mulher [Raminelli, 1997].

As afirmações de Raminelli [1997] sustentam as conclusões de Silvie Federici [2004] sobre a relação entre a dizimação dos povos originários e sua associação com as bruxas; e, também, as de Laura de Mello e Souza, para quem os europeus, “ao se deparem com as práticas religiosas das populações indígenas [...] recorreram a imagens que lhes eram mais familiares: a bruxa voadora e o sabá das feiticeiras” [Mello e Souza, 1993:61].



Fig.29 Página de *Americae Tertia Pars*, Theodore de Bry  
Fonte: [brasilianaiconografica.art.br](http://brasilianaiconografica.art.br)



Fig. 30. Cena de canibalismo em *Americae Tertia Pars*, Theodore de Bry, 1592  
Gravura colorida. Service Historique de La Marine, Vincennes, France

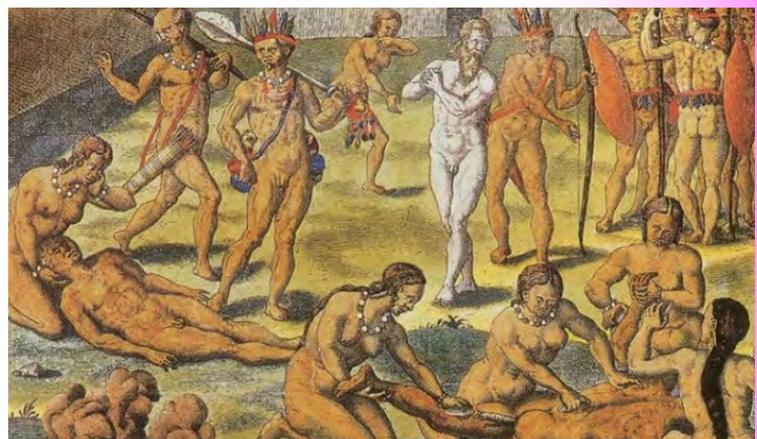


Fig. 31. Cena de canibalismo em *Americae Tertia Pars*, Theodore de Bry, 1592  
Gravura colorida. Service Historique de La Marine, Vincennes, France.